

---

## Da Agulha Hipodérmica ao Líquido: Imagens de um Saber em Formação<sup>1</sup>

Marcio da Silva GRANEZ<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI

### RESUMO

Partindo do pressuposto de que a imagem instaura sua própria lógica conceitual, o artigo aborda a iconografia das teorias da comunicação, a fim de verificar os sentidos produzidos pelas imagens associadas às principais escolas e conceitos do campo. Para tanto, revisa as teorias da comunicação, tomando por base a obra de Mauro Wolf (1984). Identifica as imagens representativas das escolas e as relaciona com os aspectos conceituais vigentes em cada momento histórico. Por fim, reflete acerca dos limites e possibilidades da representação imagética das teorias da comunicação. A iconografia construída no campo da comunicação remete ao saber em formação e multidisciplinar da área.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teorias da Comunicação; Epistemologia; Imagem.

### 1 Primeiras Palavras

Desde que a comunicação social surgiu como área de conhecimento, o que decorreu diretamente da eclosão dos meios de comunicação de massa, no início do século XX, são muitas as definições da comunicação.

Ainda que se mantenha ao longo desses quase cem anos uma discussão acadêmica sobre a existência autônoma da comunicação como área do saber ou do conhecimento (SODRÉ, 2014), há de se considerar que o campo floresce em múltiplas escolas e variadas ferramentas conceituais. A utilização desses conceitos por outras ciências e mesmo pelo senso comum é um indício do quão profícuas são as contribuições da área para o entendimento do homem, da sociedade e do homem em sociedade.

Ao longo desse percurso, não foram poucas as imagens e esquemas visuais que se somaram aos estudos: agulha hipodérmica, espiral do silêncio, tecido, organismo, campo, rede...

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria, pós-doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí, bolsista CAPES/PNPD; e-mail: marcio.granez@hotmail.com.

---

O artigo consiste numa investigação sobre o uso dos esquemas ou representações visuais na definição do conceito e do processo de comunicação. Partimos da hipótese de que as teorias da comunicação repousam sobre esquemas conceituais que, traduzidos em imagens ou representações visuais (como, por exemplo, tecido, rede, campo, sistema), ganham autonomia explicativa. A intenção é refletir acerca da influência dos esquemas visuais sobre as teorias, demonstrando os vieses conceituais e operacionais que os esquemas exercem sobre os modelos explicativos.

Para concretizar nossa investigação, realizamos uma revisão conceitual das principais escolas teóricas da comunicação. Nesse ponto, uma breve digressão histórica, com base em clássicos da área (BELTRÃO, 1983; MARCONDES FILHO, 2002; MARTINO, 2014), permite situar o fenômeno, enfatizando por necessidade de delimitação a contribuição de Mauro Wolf (1984). Na sequência, apresentamos os esquemas visuais construídos pelas principais escolas teóricas e autores representativos do campo. Em cada uma dessas contribuições, procuramos indicar qual o esquema visual preponderante, demonstrando as implicações operacionais e conceituais da imagem adotada. Quando não explicitamente adotadas por determinada escola ou autor, as imagens que ilustram o artigo foram trazidas como ferramenta heurística, a fim de explicitar a relação entre a teoria ou conceito e o esquema visual correspondente.

Em seguida, reunimos as escolas em torno dos esquemas visuais propostos, destacando os pontos comuns que nos permitem reuni-las. Para finalizar, propomos uma síntese a partir da exposição realizada previamente e deixamos algumas questões para aprofundamento com base nos conceitos da semiótica peirceana.

Trata-se de um trabalho de cunho teórico, sem verificação empírica, e que busca contribuir para a clareza e vigilância epistemológica na área da comunicação.

## **2 Imagens, Esquemas e Conceitos**

Da teoria hipodérmica (WOLF, 1984) até a noção de campo da mídia (BOURDIEU, 2012), passando pelo conceito de sistema (LUHMANN, 2005), e pelas contribuições da Ecologia da Mídia, as metáforas que descrevem o processo de comunicação foram múltiplas: agulha hipodérmica, rede, tecido, sistema, campo, extensões, ambiente, e muitas outras.

As contribuições das teorias podem ser sintetizadas na maior parte dos casos em um esquema ou representação visual, pelo qual muitas delas tornam-se familiares. Por esquema ou representação visual entendemos os construtos não-verbais que representam conceitos, como diagramas, imagens e outras formas gráficas de representação.

Os esquemas visuais implicam vieses de interpretação bastante precisos: assim, por exemplo, quando se concebia a comunicação como um processo vertical e de um para muitos, a teoria Hipodérmica se baseou na imagem da “agulha hipodérmica” (WOLF, 1984).

Ao se complexificar, a teoria da comunicação ganhou novos modelos, que se traduziram em esquemas visuais mais elaborados. É o caso, por exemplo, da noção de *feedback*, que foi agregada ao modelo tradicional na medida em que a audiência ganhava importância. Visualmente, a mão única representada pela agulha hipodérmica já não era uma solução possível.

Nos dias atuais, fala-se, por exemplo, em ‘líquido’ (BAUMAN, 2001) e ‘rede’ (TRIVINHO, 1998; CASTELLS, 1999) para explicar a maneira como a comunicação e o jornalismo operam na sociedade.

Em nossa perspectiva, tais esquemas visuais servem de referência e fundamento para as diferentes abordagens, na medida em que expressam perspectivas epistemológicas diversas: uma imagem de rede ou de líquido traz vieses de interpretação. Daí a importância de nos determos sobre sua análise. Uma realidade mais complexa implica representações mais elaboradas para sua descrição. Mas as representações têm sua própria lógica de funcionamento, que nem sempre acompanha as implicações conceituais das teorias.

Em sua obra “Teorias da Comunicação”, Mauro Wolf (1984) sintetiza a história das principais teorias, conceitos e hipóteses que foram elaboradas ao longo do século XX. Também dá especial atenção ao modelo comunicacional subjacente às teorias. O autor mostra que passamos de um modelo de comunicação linear e hierárquico para outros, mais complexos.

A representação básica do modelo de comunicação deriva do clássico esquema abaixo:

**Figura 1 – Modelo básico do processo de comunicação**



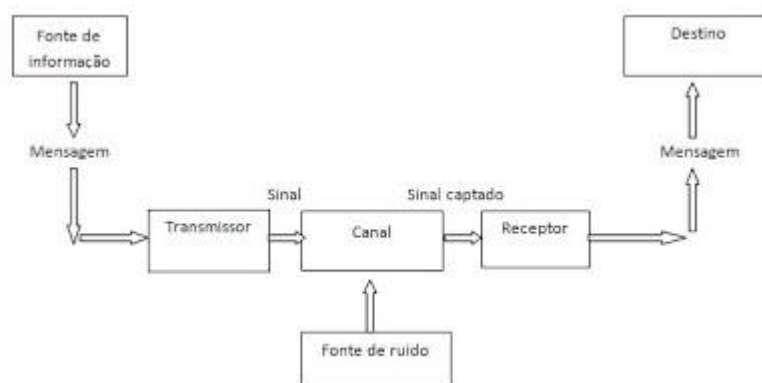
Fonte: Elaborado pelo autor

Trata-se de um esquema que implica a percepção de uma informação linear que vai de um ponto de origem a um ponto de recepção. Essa representação visual foi impulsionada pela teoria matemática da informação e se prestou de forma conveniente para representar a nascente comunicação de massa. Aqui a experiência do totalitarismo da primeira metade do séc. XX é um importante elemento a considerar, já que influenciou a percepção dos teóricos sobre o poder de manipulação e influência da mídia, sobre o caráter hierárquico, de cima para baixo, da comunicação de massa, e sobre a influência que a mídia exercia sobre o receptor.

Avançando, quando consideramos a Escola de Frankfurt, o modelo básico permanece o mesmo. A comunicação de um para muitos é denunciada pelo pensamento crítico no que implica de subordinação à ordem política e econômica. Mas o modelo continua o mesmo, como demonstra Mauro Wolf (1984). E isso vale para muitas das outras escolas que surgiram em paralelo ou na sequência.

A representação abaixo mostra que, apesar da crescente sofisticação conceitual, que agregou elementos ao esquema primitivo, a ideia de hierarquia e fluxo unidirecional permanece no modelo de Shannon e Weaver, no qual se basearam algumas teorias da comunicação na primeira metade do século XX.

**Figura 2 - Modelo de Shannon e Weaver**



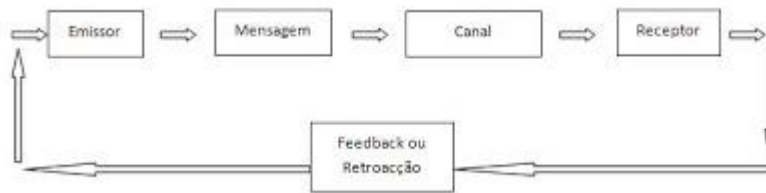
Fonte: <http://helenosca.blogspot.com.br/2009/02/modelos-de-comunicacao.html>

Ao consideramos os elementos que se agregaram no esquema acima, é como se o olhar do pesquisador ganhasse mais acurácia: as partes que compõem o processo de

comunicação contêm especificidades. É necessário considerá-las para entender como se dá o processo. Mas o diagrama básico ainda funciona em termos visuais como se o processo fosse apenas do emissor ao receptor.

O mesmo se pode dizer da noção de *feedback*. Apesar de implicar a percepção de uma audiência mais ativa, a noção de *feedback* se traduz visualmente no idêntico traço linear que reinicia o ciclo unidirecional e hierárquico.

**Figura 3 – Modelos de base cibernética ou circulares**



Fonte: <http://helenosca.blogspot.com.br/2009/02/modelos-de-comunicacao.html>

A persistência do modelo tradicional da comunicação ao longo da história das teorias expostas por Mauro Wolf parece derivar da lógica visual relativamente simples e familiar daquele modelo, de rápida compreensão. Trata-se de um modelo visual que permite adaptação mesmo para representações mais complexas. A Teoria Funcionalista, por exemplo.

A noção de funcionamento da comunicação como parte do organismo social, cara ao funcionalismo, implica uma gama de outras representações possíveis do processo de comunicação. Uma das imagens que surgiu nesse período foi a da sociedade como um grande organismo vivo. Herdeira do positivismo, essa ideia produziu imagens de grande impacto na ciência e na literatura ainda no século XIX.

Mas ainda aqui, quando falamos em termos de comunicação, permanece o modelo tradicional. Seguindo os passos de Wolf, pode-se perceber a persistência da representação esquemática primitiva, na qual um passa para outro(s) uma informação.

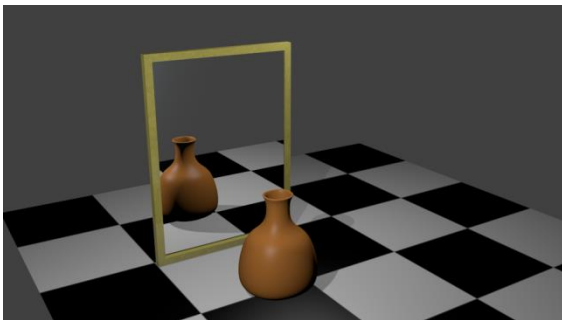
### 3 Esquemas e Imagens Incidentais

Ao longo da história das teorias, em que pese a persistência do modelo básico de comunicação a fundamentá-las, outros esquemas e imagens foram surgindo. Nem sempre vinculados explicitamente a uma escola de pensamento da área da comunicação,

esses esquemas foram contudo se agregando à percepção dos teóricos e estudiosos da área. Espelho, campo, extensões, sistema. Examinemos esses, a fim de avançarmos na compreensão do poder explicativo dos esquemas visuais.

A metáfora do espelho tem sido utilizada sobretudo na percepção do jornalismo. Na obra de Ciro Marcondes Filho (2002), ela ganha destaque como um dos polos em que tem oscilado a compreensão sobre a comunicação. No outro polo, o autor coloca a máscara. De um lado, a ideia de que a comunicação e o jornalismo apenas informam, duplicando a realidade num espelho perfeitamente simétrico, ideia essa herdeira da visão positivista. De outro, a concepção da distorção e do falseamento da realidade operado pela comunicação, que conduz à ideia de uma máscara, tributária de uma visão fenomenológica. Espelho e máscara como possíveis metáforas para o processo de comunicação. As imagens abaixo ajudam a visualizar essas ideias.

**Figura 4 – O espelho**



Fonte: <https://pt.wikipedia.org>

**Figura 5 – A máscara**



Fonte: <https://www.estudopratico.com.br>

Aqui sobressai a percepção da representação, do caráter de segunda realidade como próprio da comunicação. O que está em questão nessa imagem dupla é o jogo entre real e imaginário, natureza e cultura, verdade e falsidade. São termos familiares a todos os que discutem o poder da mídia ou do jornalismo.

A noção de campo da mídia (BOURDIEU, 2012), ancorada na sociologia, é a segunda grande metáfora sobre a qual nos detemos neste segmento. Nela pode-se perceber em termos visuais a concepção segundo a qual a comunicação é uma parte do todo social, uma parte com características próprias, como um grande bloco dos que compõem o edifício social.

### Figura 6 – Campo da Mídia e outros campos sociais



Fonte: SmartArt, do Windows, e autor

Nesse esquema, sobressai a natureza compósita do campo, seu caráter relacional. Como tijolo de um edifício, o campo da mídia sustenta e também pode comprometer o edifício. O que parece mais presente na imagem do campo, todavia, são suas origens sociológicas: a sociedade vista como estratos de forças que se relacionam, grupos que formam unidades coesas: um todo em que os grupos, cada um com sua unidade, operam trocas – econômicas, simbólicas.

Um pensamento distinto emerge da concepção da comunicação como ‘extensão’. Tomaremos como seu principal representante Marshall McLuhan (1979). Sua ideia de que a mídia funciona como extensão do corpo humano teve grande impacto sobre a teoria da comunicação, se não no âmbito acadêmico, ao menos na disseminação da área para o grande público. As imagens construídas por McLuhan, como a da aldeia global ou a noção de meios frios e quentes, disseminaram-se a ponto de virarem expressões

correntes no mundo contemporâneo. Mas o que salientamos aqui é a concepção de meio como extensão, talvez a mais rica das contribuições conceituais do autor, ilustrada aqui pela imagem a seguir.

**Figura 7 – Olho e câmera**



Fonte: <http://publicdomainvectors.org/>

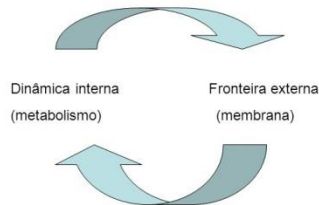
Ela implica conceber a natureza da comunicação de massa de forma intrínseca ao funcionamento do organismo humano. De certa forma, é como se o corpo em interação com a natureza fosse o microcosmo do que ocorre na mídia de massa em interação com a sociedade. Assim como, antes da mídia, temos a perna, a extensão representada pela roda implicou um aumento da mobilidade, expandindo o espaço para o homem. Também da mesma forma, antes da mídia de massa, temos o olho, para o qual a palavra, primeiro falada, depois escrita, representou a expansão no tempo e no espaço. No corpo humano está, em potencial, todo o resto. A saturação e especialização dos sentidos é nada mais do que a história da própria humanidade em sua interação com o meio ambiente. São ideias que apontam tanto para a noção posterior de midiaticização como para a noção de ecologia midiática. Sobre a midiaticização, incide sobre a concepção, adotada por Eliseo Verón (2014), de que a mídia já estava ontologicamente implicada no homem primitivo. Sobre a ecologia da mídia, na vertente representada por Hjarvard (2012), está presente como pano de fundo da concepção de organismo biológico em processo de interação com o meio ambiente.

São concepções que retomam visões da biologia e da teoria dos sistemas. Tais visões também trouxeram a contribuição de Niklas Luhmann para o centro das metáforas visuais, a partir da proposta de ‘sistema’. Olhemos um pouco para ela.



## Figura 8 – Representação do sistema

### O ser vivo como sistema autopoietico



Fonte: <http://slideplayer.com.br/slide/1355562/>

Concebido como uma espécie de organismo vivo, o sistema dos meios de comunicação tem lógica própria e, tal como os demais organismos, se autogera. A autopoiesis é a capacidade de se autoproduzir que encontramos nos seres da natureza. A autorreferencialidade e a heterorreferencialidade representam, respectivamente, a relação do organismo consigo mesmo e com o meio ambiente, limites internos e externos que geram os contornos do organismo.

Em termos abstratos, o conceito que se extrai da noção de sistema remete à noção de campo de Bourdieu: tijolo entre tijolos de uma parede como células entre células de um organismo. Em ambas parecem ressoar ainda as noções sociológicas de base: sociedade composta por partes que se relacionam, sendo uma delas a parte da mídia. Sociedade que funciona a partir da relação entre as partes, sendo a parte da mídia aquela que conecta as demais.

Ao chegarmos aos dias atuais, talvez pela onipresença da comunicação em rede, via internet, novas imagens ganharam consistência, não necessariamente vinculadas a uma escola ou teoria específica, mas como a concretização de *insights* teóricos dos estudiosos. Vejamos algumas delas.

## 4 A Rede: Neurônio, Tecido, Líquido

A natureza polimorfa e inconstante do processo de comunicação, tal como percebida e teorizada pelo pensamento mais recente da área, certamente foi inspirada na

grande metáfora da rede, que ganhou força com o advento da Wide World Web, a internet. Ao trazer para o primeiro plano a natureza relacional, horizontal e em fluxo contínuo, a imagem da rede traduziu em nova metáfora a velha questão da comunicação, num esquema que pode ser ilustrado pela imagem abaixo.

**Figura 9 – Esquema da rede**



Fonte: <https://ricardocampos.files.wordpress.com/2011/11/rede.jpg>

Aqui, tal como no líquido, os fluxos são multidirecionais, não há hierarquia, há nós que relacionam determinados pontos, num esquema em que a horizontalidade está em primeiro plano. A noção de que hoje todos podem ser produtores de informação, todos podem se integrar à rede, mudou a ênfase no fluxo: além de vir de todos os lados, ele não é preponderantemente de cima para baixo.

O modelo tradicional foi revisto. As redes sociais têm por certo influência nessa percepção de um fluxo horizontal e não hierárquico. De qualquer forma, a imagem da rede está impregnada de outras que vêm sendo igualmente utilizadas: o neurônio, o tecido, o fluido.

Há semelhança entre a imagem da rede e a noção mcluhianna de rede neural: a percepção de que os neurônios estão em destaque, sendo o computador a extensão do cérebro. Há também aproximações possíveis com a ideia de um tecido, de Verón (2004), na medida em que se enfatiza a natureza relacional, ‘multitudinal’, da comunicação.

A noção de que a comunicação tem uma natureza que transcende os blocos sociais, é algo impalpável mas tão ou mais real do que os tijolos e células, ganhou talvez sua melhor tradução na noção de ‘líquido’ de Zygmunt Bauman (2001). Essa noção foi já estendida ao jornalismo na visão de Rublescki (2013).

Assim como a sociedade percebida pelo filósofo polonês, também o jornalismo seria hoje de natureza líquida, na medida em que não teria mais as fronteiras bem delimitadas que caracterizaram a era da comunicação de massa. Tudo está em suspenso: a relação com as fontes, os critérios de noticiabilidade, o *gatekeeper* – todos os conceitos que, ao longo de quase cem anos de teoria da comunicação e do jornalismo, moldaram o campo ou o sistema da mídia. Indo de Bourdieu e Luhmann a Baumann, é como se aquela casca ou linha delimitadora da célula que dava autorreferencialidade ao sistema se dissolvesse no todo do meio ambiente. A imagem abaixo ilustra esse novo conceito.

**Figura 10 – Imagem de líquido**



Fonte: [https://miro.medium.com/max/700/1\\*Eg0SR7z782QJ3AsYF8\\_USQ.jpeg](https://miro.medium.com/max/700/1*Eg0SR7z782QJ3AsYF8_USQ.jpeg)

Aqui os fluxos são em todas as direções, não há paradigma nem porto seguro nem referência básica, advinda da cultura e da sociedade. A imagem do líquido remete pelo senso comum a imagens arquetípicas de dissolução, dilúvio, caos. As águas representam tradicionalmente na cultura ocidental o início do mundo, o oceano primordial de onde nasceu a cultura. Também sinalizam a renovação, impregnada no rito do batismo, de onde o ser é apresentado ao mundo na tradição cristã e católica.

## **5 Muitos Esquemas, Alguns Conceitos**

Poderíamos nos indagar nesse momento sobre a variedade de imagens utilizadas para a representação conceitual da comunicação: seria o caos e o mero exercício retórico?

Acreditamos que não.

---

Na linha proposta originariamente por Mauro Wolf (1984), pode-se perceber, em meio à grande variedade de formas externas, um modelo relativamente estável em boa parte das imagens aqui colhidas. É o modelo tradicional do processo de comunicação, no qual emissor informa, por um meio, o receptor.

Todavia, esse modelo básico recebeu de fato algumas contribuições bastante originais, que o alteraram ou simplesmente ignoraram. Parece haver nessas contribuições a influência de teorias e disciplinas que atravessam a área da comunicação.

A imagem do grande organismo, trazida da biologia, por exemplo. Adotada pela sociologia, em autores como Luhmann, trouxe contribuições relevantes para se pensar no processo de comunicação como organismo ou sistema vivo, para além do esquema tradicional. O mesmo se pode dizer do conceito de campo, bastante próximo da noção sociológica de sistema. Como hipótese, talvez se deva considerar que a contribuição das demais ciências para a área da comunicação tem na imagética um dos pontos mais relevantes de diálogo.

Os esquemas representativos talvez sejam o caminho mais rico para entender a comunicação. Dependendo da corrente de pensamento e das influências que as escolas sofrem, temos imagens e símbolos próprios, marcados, sutil ou fortemente, pela ideologia reinante naquela área.

É possível reunir essas escolas teóricas e perspectivas conceituais em um esquema classificatório?

Creemos que sim.

O esquema linear parece estar presente nas investigações que partem da observação do processo de interação homem/meio ambiente ou homem/homem. Nele parecem predominar as concepções calcadas na observação empírica do ato comunicativo, com ênfase na interação mediada ou imediata. Sobressai aqui o processo linear porque é dessa maneira linear, seja de cima para baixo ou eventualmente de forma não hierárquica, que se produz a especificidade da comunicação, tomada como relação de um com outro. Sempre que se consideram os polos do processo de comunicação, a ênfase recai sobre elementos como emissor, mensagem, código, audiência, recepção.

Mesmo quando se fala em uma nova hierarquia, é para ressaltar a inversão dos polos, não necessariamente o fim de um processo linear e o fim mesmo da hierarquia.

---

Trata-se do fio comum que liga concepções tão díspares como a Teoria Hipodérmica e a Teoria dos Sistemas: ainda que o modelo tenha sido repensado e apresente roupagem diversa, ele se detém sobre o processo de comunicação.

O esquema não linear, de outro modo, predomina nas contribuições que situam a comunicação como parte de um todo maior, no qual estão em primeiro plano as manifestações da sociedade ou da cultura, tomadas como base para a comunicação. A ênfase na cultura e na sociedade, em primeiro plano, anula a ênfase sobre a linearidade do modelo tradicional. Surgem imagens em que emissor, meio e receptor simplesmente não estão visíveis, como o tecido, o líquido e o neurônio.

Em algumas outras, esses elementos aparecem de forma sutil, como nos nós da rede, que remetem a vestígios do emissor, embora sem o mesmo caráter hierárquico e unidirecional do modelo linear. A multiplicidade, a aleatoriedade e até mesmo o caos estão em primeiro plano. É o que permite reunir por exemplo as contribuições de Baumann e as da McLuhann e Verón.

## **6 Síntese Final: Representações como *Icebergs* Conceituais**

Vimos na breve síntese acima que as representações visuais do processo de comunicação oferecem uma gama variada de sugestões conceituais. Ao percorrer brevemente algumas dessas contribuições, verificamos que as imagens e esquemas adotados pelas correntes teóricas ensejam por si só um viés interpretativo. Não é à toa que as imagens são utilizadas. Elas sugerem relações distintas, sinalizam um vasto corpo de concepções teóricas. Como se fossem *icebergs*.

Ao deixarem apenas parte de sua natureza visível, essas construções conceituais e teóricas ao mesmo tempo sinalizam e enganam. Parecem singelas, sem oferecer perigo num primeiro olhar. Mas, tal como os grandes blocos de gelo, podem levar os incautos ao naufrágio.

A tradição por si mesma, aqui revisitada, evidencia a complexidade crescente dos modelos. A sofisticação conceitual, marca do aprofundamento de toda ciência, se faz presente nos estudos da comunicação: da agulha hipodérmica ao líquido, um longo caminho foi percorrido. Sem querer apontar uma linha evolucionária, é necessário ressaltar que a riqueza da pesquisa empírica e da análise conceitual depurou as imagens,

---

ora fazendo-as similares aos processos visíveis da relação eu-tu, ora permitindo voos abstratos na teia da significação.

Deixaremos como sugestão de aprofundamento a reflexão de caráter semiótico de cunho peirceano (NÖTH, 1995). A partir dos conceitos de ícone, índice e símbolo, cada um operando por lógica própria (semelhança, proximidade e convenção), entendemos pertinente aprofundar as questões aqui esboçadas.

Os esquemas representativos que analisamos, a princípio passíveis de serem classificados como indiciários, não estariam mais próximos, em certos momentos, do ícone e do símbolo? Em que medida a proximidade com o icônico de certos esquemas, como a rede ou o neurônio, delimita o alcance dos conceitos propostos por cada teoria? Afinal, a semelhança que norteia o ícone induz a um processo imediato de reconhecimento, mas nem sempre logicamente necessário.

De outra parte, em que medida a força normativa do símbolo, calcada na regra, como divisamos no esquema líquido-mar, abarca as significações implícitas por exemplo na ‘sociedade líquida’? Afinal, o caráter normativo inerente ao símbolo, que opera por convenção, seria pressuposto a partir de um repertório comum, nem sempre observado.

São questões que deixamos em aberto, por fugirem do escopo de nossa reflexão, mas que pedem aprofundamento em ulteriores investigações.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BELTRÃO, Luiz. **Teoria geral da comunicação**. 3. ed. Brasília: Thesaurus, 1982.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

HJARVARD, Stig. Mídiação: Teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Matrizes**, v. 5, n. 2, 2012. pp. 53-91. Disponível em: <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/338>. Acesso em 12 de abril de 2015.

---

LUHMANN, Niklas. **A realidade dos meios de comunicação**. São Paulo: Paulus, 2005. Trad. Ciro Marcondes Filho. p. 7-48 (cap. I, II e III)

McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem** (understanding media). 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1979.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O espelho e a máscara**: o enigma da comunicação no caminho do meio. A comunicação I. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2002.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da comunicação**: ideias, conceitos e métodos. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

NÖTH, W. **Panorama da Semiótica**: de Platão a Peirce. São Paulo: Annablume, 1995.

RUBLECKI, Anelise. A crise de identidade do jornalismo na nova ecologia midiática. In: \_\_\_\_ e BARICHELLO, Eugenia Mariano da Rocha (orgs.). **Ecologia da Mídia**. Santa Maria: FACOS, 2013. p. 111-127.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TRIVINHO, Eugênio. **Redes**: obliterações no fim de século. São Paulo: Annablume, 1998.

VÉRON, Eliseo. **Fragments de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. Trad. Vanise Dresch.

\_\_\_\_. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. In: **Matrizes**, v. 8. n° 1 jan./jun. 2014.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 1984.